

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
3 e 4 de Janeiro de 2022
ALLAN DWAN

RENDEZ-VOUS WITH ANNIE / 1946

Um filme de Allan Dwan

Argumento: Mary Loos, Richard Sale / *Imagem (35 mm, preto & branco):* Reggie Lanning / *Cenários:* Hillyard Brown / *Figurinos:* Adela Palmer / *Música:* Joseph Dubin / *Montagem:* Arthur Roberts / *Som:* Richard Tyler, Howard Wilson / *Interpretação:* Eddie Albert (*Cabo Jeffrey Dolan*), Faye Marlowe (*Annie Dolan*), Gail Patrick (*Dolores Starr*), Phillip Reed (*Tenente Avery*), A. Aubrey Smith (*Sir Archibald Clyde*), Raymond Walburn (*Everett Thorndike*), William Frawley (*General Trent*), Mary Field (*Deborah, a criada dos Dolan*) e outros.
Produção: Republic Pictures / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 89 minutos / *Estreia mundial:* 22 de Julho de 1946 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Pelo seu longuíssimo percurso, que cobre mais de mais de meio século (começou a trabalhar em 1909, antes mesmo da fundação oficial de Hollywood) e pelos mais de quatrocentos filmes que realizou (muitos dos quais com apenas dez ou vinte minutos de duração), Allan Dwan é uma das encarnações do cinema americano dos seus primórdios ao fim da era clássica. Como tantos realizadores do cinema americano, grandes, médios ou menores, era um *maker*, um artesão capaz de realizar muitíssimo bem filmes dos mais variados géneros, do mesmo modo que um marceneiro é capaz de fazer móveis de estilos variados. Como Raoul Walsh, que teve um itinerário semelhante ao seu e como muitos outros vindos da era dos pioneiros, Dwan levava a sério o seu ofício de realizador, que aprendeu ao mesmo tempo em que a linguagem cinematográfica tomava forma, mas talvez não desse tanta importância à ideia de *arte cinematográfica*, guardando uma atitude prática, *no nonsense*, naquilo que fazia. O facto de ter realizado vários filmes excelentes, em diversos géneros, aguçou o apetite dos críticos e programadores *autoristas* e, como outros, Dwan teve os seus cultores nos Estados Unidos e em França e teve pleno reconhecimento dos seus méritos ainda em vida (viveu quase cem anos, de 1885 a 1981). Nunca perdeu a mão de realizador, como provam filmes tardios como **Silver Lode** (1954) e o seu extraordinário derradeiro filme, **The Most Dangerous Man Alive** (1961), que quase se assemelha a um filme de Samuel Fuller, mas é evidente que a sua obra é desigual, o que é inevitável numa produção tão abundante, para mais num sistema industrial. Uma retrospectiva como esta permite certamente que se tenha uma visão mais ampla e sobretudo menos livresca do trabalho de Dwan.

O filme que vamos ver pertence ao período em que Dwan, já sexagenário, trabalhou para a Republic (1945-56), a mais célebre das pequenas produtoras americanas, que formavam o *poverty row*. O argumento, tirado de uma história publicada numa revista e adaptado ao cinema pelos seus autores, aborda de modo indireto um tema ao mesmo tempo candente e abafado, por ser “imoral” e que em 1946, um ano após o fim da guerra, ainda era de atualidade: o tabu da “fidelidade” física das mulheres (esposas, noivas e namoradas) em relação aos homens, que se encontravam ausentes na frente de guerra. Uma mulher “infidel” que engravidasse constituía um problema que só podia ter péssimas soluções e é isto que é mostrado aqui, em tom irónico e indireto. Mesmo uma comédia musical delirante como **The Gang’s All Here** (Busby Berkeley, 1942), aborda este tema na cena em que Alice Faye acaricia o cachimbo e as pantufas do marido ou noiv oausente enquanto canta “*No more loving, no more nothing / Till my baby comes home*”,

frase que é uma ordem moral para as mulheres e destina-se a tranquilizar os homens. Em **Rendez-Vous with Annie**, a situação é daquelas que pode suscitar uma *screwball comedy* com todos os *ff* e *rr*, inclusive um drible no famigerado Código Hays, que codificava a censura no cinema com princípios ultra-puritanos. Um soldado deserta - o que é punido com a máxima severidade - durante um fim-de-semana, para ir ver a mulher (oficialmente para trazer um exemplar do seu famoso bolo de chocolate...), ou seja, para saciar a fome sexual de ambos. O estratagema dá certo e o encontro do casal resulta num filho, que todos, exceto os dois principais interessados, pensam ser “do pecado”. Um Lubitsch teria adorado a situação: um homem é “enganado” por ele mesmo ao ter sido o momentâneo amante ilegítimo da própria esposa. O filme, no entanto, não tem de modo algum o ritmo de uma *screwball comedy*, nem é temperado pelos numerosos subentendidos que percorrem estes filmes, talvez por se situar num meio militar e numa pequena cidade da Nova Jérsei, pouco associáveis à sofisticação que supõe uma comédia deste estilo. Além disso, como tantos filmes de série B, **Rendez-Vous with Annie** é desprovido de muitos dos elementos de sedução que estão na essência do cinema americano clássico: a fotografia é simples, chata, sem jogos de luz e sombra e não há por assim dizer música de fundo, talvez menos devido a princípios estéticos do que a economias na produção. Os cinéfilos à antiga terão o prazer de ver alguns excelentes secundários nas suas respectivas especialidades (Raymond Walburn como indivíduo elegante e algo pomposo; A. Aubrey Smith, numa das suas incontáveis *performances* intercambiáveis de inglês elegante; William Frawley, eterno *middle american* não muito astuto), além de Gail Patrick, uma das muitas a ter tido uma carreira inferior à que merecia, pois em Hollywood a concorrência era feroz. Todos têm mais presença do que Eddie Albert, o protagonista, que apesar da sua experiência parece sempre aquém do papel, pois opta por uma “inocência” apatetada, como os personagens dos apólogos rooseveltianos de Capra e não pela falsa ingenuidade e a *poker face* de um personagem de Lubitsch. É verdade que o ambiente exclusivamente masculino do meio militar em que se passa boa parte da ação não favorece muito a inteligência e o tom infantil da relação entre os homens atenua as possibilidades de cinismo na narrativa, indispensável num filme que aborda um tema como esses, cuja centelha de humor está no mal-entendido que se cria quando o homem regressa da guerra. Dividir a ação em dois grandes *flashbacks* antes de instalar a narrativa no presente na meia hora final é uma ideia eficaz do ponto de vista narrativo, mas para abordar de modo aceitável um tema tão divertidamente escabroso Dwan teve de diluí-lo bastante. A chegada do homem ao hospital, onde ele e a mulher são os únicos a saberem que o recém-nascido não é “bastardo”, não é explorada em todas as suas possibilidades cômicas e o momento mais divertido dos diálogos (“*Ele tentou suicidar-se*”, diz uma mulher a outra quando o homem chega de paraquedas à sua pequena cidade) passa quase despercebido. Não será ofender a memória de Allan Dwan observar que trata-se de um filme algo provinciano, que talvez se destinasse justamente às pequenas cidades de província como a que vemos e não aos grandes centros (até meados dos anos 70, quando se passou a fazer o mesmo filme para todos os públicos, os filmes podiam ser destinados a segmentos específicos do público). Note-se que em 1952 **Rendez-Vous With Annie** foi repostado numa versão com apenas uma hora, prova evidente que fora transformado em material de *double bills*, o que não é exatamente um sinal de prestígio. A obra de um realizador e uma cinematografia nacional não são feitas apenas de grandes obras-primas. Ciente de tudo aquilo de que Allan Dwan é capaz, o espectador de **Rendez-vous With Annie** talvez não seja completamente arrastado para dentro do filme, mas terá ocasião de observar um objeto cinematográfico de produção modesta, que pertence à face oculta (embora arqui-conhecida) do cinema americano do período clássico.

Antonio Rodrigues